

AGRONEGÓCIO

CRISE HÍDRICA

FOTOS: RAQUEL LOPES



Renato Bernardina precisou vender cabeças de gado, que estão emagrecendo sem capim. Como alternativa, o produtor alimenta o rebanho com cana e farelo

Com pasto seco, pecuaristas vendem gado para salvar animais

Produtores também estão comprando comida para evitar que a criação morra

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

Sem chuva, o capim seca, o gado fica sem comida e emagrece. Aos pecuaristas restam duas opções para salvar os animais: comprar alimento para compensar a falta de pasto ou vender o gado.

O pecuarista Jarbas Alexandre Nicoli possui uma propriedade em São Mateus, Norte do Estado. Com a falta do capim para alimentar o gado, ele optou por vender mais de 90% do rebanho para evitar a morte dos animais.

“Eu tinha 700 cabeças de gado de corte, mas acabou o capim e eles iam morrer. Por isso, fiquei só com 50 cabeças, que sobrevivem do que restou. Eu vendi parte do gado ainda magro para lugares com capim, muitos foram para o Sul do Estado e também para o abate”, comenta.

O pecuarista comenta que o gado sempre deu lucro, mas a falta de capim fez o produtor tirar quase tudo da propriedade. “Não chove há 90 dias, o capim está do mesmo jeito, não

brotou nada. Se o tempo estivesse bom, não teria vendido o gado. No campo, a nossa crise é a hídrica, e não política, como no resto do país”, destaca.

O gerente de Produção Animal, Aquicultura e Pesca da Seag, Anderson Batista, afirma que muitos produtores estão adquirindo silagem, cana-de-açúcar e suplementação para evitar a mortalidade dos animais. “Temos conhecimento que alguns produtores estão vendendo seu rebanho para

ALTERNATIVAS

“Produtores estão adquirindo silagem, cana-de-açúcar e suplementação para evitar a mortalidade. Alguns produtores estão vendendo seu rebanho para regiões menos afetadas

ANDERSON BATISTA
GERENTE DA SEAG

ra produtores de regiões menos afetadas pela seca como Bahia e Minas Gerais”, comenta.

MORTE

Já o pecuarista Renato Dalla Bernardina está tentando salvar parte das cabeças de gado da propriedade. Ele está comprando comida e contando com a ajuda de outros proprietários que fornecem o alimento.

“Hoje a gente está tratando do gado para manter vivo, eles estão ma-

gros. O capim morreu, estamos tratando com cana, folha de coco e farelo. Tem mais de três anos que estamos sendo afetados pela seca. O gado geralmente entra no inverno gordo, mas já está entrando no inverno magro”, comenta.

Apesar dos esforços para salvar a criação, na propriedade de Renato, cerca de 50 cabeças de gado já foram perdidas por falta de comida. “Há 30 dias não perdemos mais cabeça de gado porque estamos indo atrás de comida, estamos indo em Fundão para buscar capim e alimentar os animais”, diz.

REGIÕES

Batista explica que a seca está afetando praticamente todas as regiões do Espírito Santo, mas os municípios do Norte e extremo Norte do Estado estão sendo os mais atingidos.

“É importante avisar o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) sobre a morte dos animais. É ele o órgão responsável pela defesa sanitária animal. O Idaf realiza o cadastro e quantifica o número de animais mortos através da notificação do produtor”, comenta.

PRODUÇÃO

ESPÍRITO SANTO

▼ Rebanho

O Estado possui um rebanho de 2.221.748 de cabeças bovinas, segundo o Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf), órgão responsável pela defesa sanitária animal.

▼ Produção carne bovina

O Estado ocupou a 15ª posição no ranking nacional da produção de carne bovina. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014, foram produzidas no Espírito Santo 87.400 toneladas de carne bovina.

▼ Exportação carne

No Estado, de janeiro a maio de 2016, foram exportados 2.462.511 quilos de carne in natura, que gerou o montante de US\$ 11.820.963

▼ Produção de leite

Em 2015, a produção de leite no Estado foi de 450 milhões litros, o que gerou R\$ 378 milhões.



Propriedade está sem capim para alimentar o gado por causa da seca

ESCASSEZ

Falta de chuva reduz produção de leite no Estado

Para suprir a necessidade, empresas compram bebida de regiões vizinhas

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

A falta de chuva vem deixando rastro de destruição na paisagem e na vida de pessoas e animais no Espírito Santo. Com os pastos secos, produtores de leite viram a oferta do produto minguar, enquanto cresce o gasto com a alimentação do rebanho.

A agropecuarista da Agroindústria Reserva dos Imigrantes, Karla Lievori, que depende do leite para a fabricação de queijos, viu a produção despencar. Na propriedade em Colatina, Noroeste do Estado, a pro-

PRODUÇÃO

450

milhões de litros

Essa foi a produção de leite do Espírito Santo em 2015, que gerou R\$ 378 milhões

dução de leite diminuiu 60%, de 100 mil litros, ela passou a ter uma produção na propriedade de 40 mil litros por mês. O problema é que, além da queda na produção, aumentaram as despesas. Com o pasto seco, ela precisou comprar alimento para dar ao gado leiteiro.

“Sem pastagem e dependendo de silagem e ração, o produtor desiste. Desse jeito, o custo de produção do litro de leite fica muito maior e, ao repassar esse valor para o produto final, o queijo fica menos competitivo”, comenta.

A redução da produção leiteira afeta também as cooperativas, que recebem leite de pecuaristas capixabas.

Segundo o diretor presidente da cooperativa Selita, Rubens Moreira, houve uma diminuição no fornecimento de 40% em relação ao ano passado. “Nesse período do ano passado, os produtores capixabas forneciam cerca de 250 mil litros por dia, mas agora fornecem 180



Karla Lievori conta que o custo da produção do litro de leite subiu muito

mil litros”, compara.

Para suprir a necessidade, a empresa trabalha com produtores do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Ele afirma que sempre comprou leite de outros Estados, mas que a queda na produção também vem diminuindo a oferta nesses lugares. “A empresa trabalhava com 360 mil litros de leite por dia e agora está com 210

mil litros”, afirma.

O Espírito Santo possui uma boa produção leiteira. Em 2015, a marca foi de 450 milhões de litros, o que gerou R\$378 milhões. Apesar da quantidade, segundo o gerente de Produção Animal, Aquicultura e Pesca da Seag, Anderson Baptista, o Estado ainda não é autossuficiente, comprando de outros Estados parte do que é

consumido.

Por causa disso, ele acredita que o valor do leite no Estado sofre pouca interferência local. “O leite, por ser uma commodity, sofre pouca pressão local por aumento dos preços. Porém, há uma diminuição da produção generalizada e os preços para este ano estão com tendência de alta em comparação a 2015”, disse.

SENTINDO NO BOLSO



“O preço do leite aumentou absurdamente e, para a gente que consome muito e tem criança em casa, está difícil. Essa alta afeta muito no final do mês”

ROSA BERTOLO
APOSENTADA



“O leite das cooperativas do Estado, que costuma ser mais barato, está com valor do mercado. A cada semana de junho é um valor diferente”

PAULO LIMA VIANA
GERENTE DE SUPERMERCADO



“Eu estou impressionada com o preço, que aumentou bastante, e isso afeta o bolso do consumidor. Hoje não tem leite sendo vendido a menos de R\$ 3”

FRITALINA KREITLOW
APOSENTADA

Preço alto do produto faz vendas caírem nos supermercados

“O leite é um dos itens que está mexendo com o bolso do consumidor nos últimos meses. Tem supermercado no Espírito Santo recebendo o leite 56% mais caro em relação ao mesmo período do ano passado, como em Colatina, no Noroeste do Estado.

“O leite das cooperativas do Estado, que costuma ser mais barato, está com valor do mercado. O mesmo fornecedor que em junho do ano passado entregou o produto ao supermercado por R\$ 1,99, está nos forne-

cendo por R\$ 3,15. E a cada semana de junho é um valor diferente”, comenta o gerente de supermercado, Paulo Lima Viana.

O aumento de preço do produto está assustando consumidores, como a aposentada Rosa Bertolo. “O leite aumentou absurdamente, e para a gente que consome muito e tem criança em casa, está difícil. Essa alta afeta muito no final do mês”, comenta.

Já a costureira Fritalina Kreitlow notou o impacto no orçamento. “Estou im-

pressionada com o preço, que aumentou bastante, e isso afeta o bolso do consumidor. Hoje não tem leite sendo vendido a menos de R\$ 3”, conclui.

PREJUÍZO

Por causa da disparada no preço do leite, as vendas estão retraindo. “Houve uma diminuição de 30% da venda. Eu nunca vi o leite subir tanto em tão pouco tempo. Estamos sofrendo com o aumento do preço e também com a falta dele”, comenta Paulo.

Laboratório de camarão vai fechar

O laboratório de pós-larvas de camarão de Governador Lindenberg, no Noroeste do Espírito Santo, vai fechar por causa da seca na região. Eram mais de 20 produtores no município e atualmente existem apenas cinco. Com a queda na produção, não há demanda para cultivo de larvas.

Administrado pela cooperativa de aquicultores

do Estado, o laboratório chegou a vender cinco milhões de pós-larvas durante um ano de funcionamento, mas parou a produção há dois meses.

Apenas um dos cinco funcionários do laboratório será mantido, para fazer a manutenção dos equipamentos.

O produtor Frederico Schramm faz parte da cooperativa e explica que, ape-

sar de ter água suficiente no laboratório para o cultivo das larvas, falta água para os produtores e, por isso, a procura pelas larvas caiu.

Ele tinha 12 tanques cheios, mas hoje só tem um. “Quando voltar a chuva, eu tenho fé que vamos poder trabalhar com os camarões outra vez”, disse o produtor.

A queda na produção do marisco também prejudica

toda a economia da cidade. O camarão poderia ajudar a equilibrar as contas públicas mas, sem produção, não há arrecadação de impostos. “O município arrecadaria uma média de R\$ 80 mil reais por ciclo. O camarão poderia ser o terceiro produto que mais arrecada no município”, estimou o prefeito da cidade, Paulo Coradini. (G1)



Laboratório de larvas não tem demanda suficiente